

## **A ELEIÇÃO DE MARCEL MAUSS AO COLLÈGE DE FRANCE (1929-1930)**

Miguel Kancelskis Drigo<sup>1</sup>

### **Resumo**

O artigo pretende discutir a criação da cátedra de Sociologia no *Collège de France* e a posterior eleição do sociólogo Marcel Mauss para ocupá-la. Essa eleição pode ser analisada como um importante passo para a Escola Sociológica Francesa em seu projeto de institucionalização das Ciências Sociais no sistema de ensino e pesquisa francês. Além disso, avalia-se a influência de questões político-religiosas nas eleições ao *Collège de France*.

**Palavras-chave:** Marcel Mauss. História das Ciências Sociais. Collège de France.

Recebido em 11 de março de 2017 e aprovado para publicação em 29 de abril de 2018

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Correio eletrônico: migueldrigo@gmail.com.

## Introdução

Após uma carreira bem-sucedida no sistema de ensino e pesquisa francês, a eleição de Marcel Mauss ao *Collège de France* (doravante, CF) representa o coroamento de uma trajetória intelectual, não só para ele, mas para uma geração de sociólogos. A criação de uma cátedra de Sociologia nesta prestigiosa instituição pode ser vista como um ponto de virada no projeto de institucionalização das Ciências Sociais levado a cabo pela Escola Sociológica Francesa. A conquista dessa cadeira de Sociologia representa o reconhecimento de uma metodologia de pesquisa sociológica defendida pela equipe durkheimiana.

Este artigo busca analisar os diversos fatores que estiveram presente nas diferentes eleições que criaram a cátedra de Sociologia e elegeram o sociólogo Marcel Mauss para ocupa-la. Para além de identificarmos as disputas intelectuais envolvidas, será problematizado as questões políticas e religiosas que também se fizeram presentes no decorrer desse pleito. Com isso, o texto pretende apresentar brevemente a trajetória intelectual de Marcel Mauss, indicando seus trunfos e desvantagens, e da Escola Sociológica Francesa apontado as questões que a caracterizaram como um importante grupo nesse período. Por fim, examina-se as atas das eleições que permitiram a criação da cátedra de Sociologia e da eleição de Marcel Mauss, pelas quais buscou-se entender tanto o peso dessa eleição para o projeto de institucionalização das Ciências Sociais no sistema de ensino e pesquisa francês, quanto outras questões, para além das intelectuais, que também influenciavam as eleições ao *Collège de France*.

## Marcel Mauss e a Escola Sociológica Francesa

Marcel Mauss (1872 – 1950) teve uma importante trajetória na área das Ciências Sociais na França. Após completar o estudo secundário no liceu de Épinal, sua cidade natal, realizou seus estudos na Faculdade de Letras de Bordeaux e obteve sua *licence*<sup>2</sup> em Filosofia. Esta escolha foi influenciada pelo fato de seu tio, Émile Durkheim, na época, lecionar como *chargé de cours* na cátedra de Ciências Sociais e Pedagogia nesta universidade. Esta cadeira ocupada por Durkheim foi criada em 1887 por Louis Liard, então Diretor de Ensino Superior, no bojo de uma série de reformas que estavam

---

<sup>2</sup> A *licence* era um requerimento básico para os professores secundários. A *agrégation*, por sua vez, era um importante concurso que garantia o acesso às mais altas posições do sistema secundário e para consegu-la, normalmente, os estudantes recorriam a cursos na prestigiosa *École Normale Supérieure*. Cf. RINGER, F. *Fields of Knowledge: French academic culture in comparative perspective, 1890-1920*. 1. ed. Cambridge: University Press, 1992, pp. 62 – 67.

ocorrendo no sistema de ensino e pesquisa francês, possibilitando a expansão das universidades e, conseqüentemente, a criação de novos cargos<sup>3</sup>. Além disso, esse também foi o primeiro posto universitário, na França, a conter em seu título uma referência às Ciências Sociais, sendo um indicativo do início de uma busca pela institucionalização da Sociologia nesse ambiente universitário. Após conseguir sua *licence* em Filosofia, Mauss opta por ir à Paris, durante um ano, para se preparar para o difícil exame de *agrégation*, também em Filosofia. Na capital, assistiu a cursos na Faculdade de Letras da Universidade de Paris entre 1893 e 1894. Em seguida, Mauss retorna à Bordeaux para terminar sua preparação próximo de Durkheim, que o auxiliava em seus estudos. No ano seguinte, Marcel Mauss consegue passar em terceiro lugar no exame de *agrégation* em Filosofia, no qual é congratulado pela banca de examinadores<sup>4</sup>.

Usualmente, os *agrégés*, aqueles que haviam sido bem-sucedidos no exame de *agrégation*, iam lecionar no ensino secundário ou, para os melhores colocados, em universidades provinciais. Porém, não optando por um posto de trabalho, Mauss resolve continuar seus estudos, com o auxílio de Durkheim, na *École Pratique des Hautes Études* (doravante, EPHE). Nesta instituição, assistiu a cursos e aproximou-se de seus professores, principalmente de Sylvain Lévi e Antoine Meillet. Além disso, é nesse local onde conhece seu mais próximo colaborador, Henri Hubert, ao qual referia-se como seu “gêmeo de trabalho”<sup>5</sup>. Esta frutífera parceria rendeu importantes pesquisas e publicações como: *Essai sur la nature et la fonction du sacrifice* (1899) e *Esquisse d'une théorie générale de la magie* (1902). Em 1900, Mauss é convidado para ser professor substituto de Alfred Foucher na EPHE e, no ano seguinte, torna-se professor titular da cátedra de Religiões dos Povos não-Civilizados nessa mesma instituição<sup>6</sup>.

Durante sua vida, Marcel Mauss também teve uma importante atuação como militante socialista, participando de partidos políticos, publicando trabalhos e textos jornalísticos sobre o tema, além de apoiar os movimentos de cooperativas. Próximo de conhecidos socialistas, como Charles Andler, Jean Jaurès e Lucien Herr, Mauss escreveu para jornais como *L'Humanité* e fez parte da *Section Française de l'Internationale Ouvrière* (Seção Francesa da Internacional Trabalhista). Além disso, integrou grupos socialistas, como o *Groupe d'Unité Socialiste* (Grupo de Unidade Socialista), no qual era o representante oficial do *Mouvement Socialiste* (Movimento Socialista). Como militante,

---

<sup>3</sup> FOURNIER, Marcel. Marcel Mauss – A Biography. Princeton: Princeton University Press, 2006, p. 18.

<sup>4</sup> Ibidem, pp. 33 – 34.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 48.

<sup>6</sup> CAVIGNAC, J.; GROSSI, M.; MOTTA, A. Antropologia francesa no século XX. Pernambuco: Fundação Joaquim Nabuco, 2006, p. 83.

uma de suas atuações mais ativas foi com o movimento cooperativista, financiando diversas iniciativas e atuando como delegado da *Coopérative Socialiste* (Cooperativa Socialista)<sup>7</sup>.

Entre os anos de 1907 e 1908, duas cadeiras se tornaram vacantes no *Collège de France*, o que simbolizou o primeiro esforço de Marcel Mauss para conseguir a indicação para tal posto. Na primeira tentativa, ele foi parcialmente bem-sucedido, conseguindo uma nomeação *en deuxième ligne*<sup>8</sup>. Porém, na segunda vez, ele foi derrotado, tanto *en premier ligne*, quanto *en deuxième ligne*.

Alguns anos depois, a Primeira Guerra Mundial afetou profundamente tanto a Europa quanto a França, que enviou diversos intelectuais e acadêmicos para o *front* de batalha. Marcel Mauss, apesar de fazer parte de um movimento socialista pacifista, alistou-se no exército e participou ativamente durante todo o conflito, mantendo-se longe de suas atividades como pesquisador e professor. Após o término da guerra, ele retomou seu antigo posto universitário, como professor na EPHE. Anos mais tarde, no final de 1925, Mauss, juntamente com Paul Rivet e Lucien Lévy-Bruhl, cria o *Institut d'Ethnologie* (Instituto de Etnologia), com o apoio do Ministro da Instrução Pública. Este Instituto tinha o objetivo de reunir etnólogos de diversas partes do mundo, oferecer cursos e treinamentos para os novos etnólogos e publicar trabalhos próximos à Sociologia, Antropologia e Etnologia<sup>9</sup>.

Juntamente à sua trajetória, Mauss fez parte de um grupo que ficou conhecido como Escola Sociológica Francesa e que teve como precursor o sociólogo Émile Durkheim. Os intelectuais próximos a esse grupo, também conhecido como equipe durkheimiana, buscavam apresentar as Ciências Sociais como uma ciência com métodos de pesquisas próprios e passíveis de serem utilizados, em uma troca entre os saberes, por outras áreas das ciências humanas, como a História e a Filosofia. Para defender tal posição, os membros dessa equipe, que foi se formando ao longo dos anos através de recrutamentos intelectuais, tiveram diversas atuações. As duas formas principais de defender e apresentar esse método sociológico proposto pelos durkheimianos foram: a publicação de pesquisas inéditas e relevantes que utilizavam a sociologia durkheimiana como principal ferramenta analítica; e, também, a inserção de intelectuais próximos a essa equipe em posições de amplo destaque dentro do sistema de ensino e pesquisa

---

<sup>7</sup> FOURNIER, M. op. cit., pp. 130 – 132.

<sup>8</sup> As especificidades das eleições no *Collège de France* são discutidas adiante no subitem “*O Collège de France: uma instituição peculiar*”.

<sup>9</sup> KARADY, Victor. Durkheim et les débuts de l'ethnologie universitaire. Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 74, setembro 1988. pp. 23-32.

francês, como cátedras em faculdades e universidades renomadas, principalmente as parisienses<sup>10</sup>. Segundo Victor Karady (1979), além dessa defesa do método sociológico, “a sociologia durkheimiana deve sua fortuna pública, bem ou mal, à conjunção singular de quadros sociais de recepção mais ou menos favoráveis e de um esforço mais ou menos consciente de autopromoção”<sup>11</sup>.

A revista *L'Année Sociologique* foi idealizada por Émile Durkheim e, com o auxílio de Célestin Bouglé e Paul Lapie, começou a ser publicada em 1899. Essa revista foi palco de importantes publicações de pesquisas sociológicas realizadas por diversos membros da equipe durkheimiana. Apesar dessa equipe se manter relativamente coesa nas primeiras décadas do século XX, o funcionamento da revista revela subdivisões dentro deste grupo<sup>12</sup>. Um primeiro subgrupo seria o que se reunia ao redor de François Simiand, Maurice Halbwachs e os irmãos Bourgin. Na segunda subdivisão estariam Bouglé, Lapie e Dominique Parodi. O terceiro subgrupo seria composto por Marcel Mauss, Henri Hubert e outros intelectuais próximos<sup>13</sup>. Cabe ressaltar que essas divisões não significavam uma fratura na equipe durkheimiana, somente indicavam as proximidades dos intelectuais que fizeram parte dessa empreitada. Para além destas existia uma espécie de “estado-maior”, tal qual denomina Philippe Besnard (1979), composto por Célestin Bouglé, Paul Fauconnet, Henri Hubert, Marcel Mauss, François Simiand e Émile Durkheim. Estes seriam os principais responsáveis pelas decisões concernentes aos rumos que a revista tomava.

Apesar do relativo sucesso da *L'Année Sociologique* em divulgar as Ciências Sociais, essa ainda não havia conquistado um grande espaço no sistema de ensino e pesquisa durante a Terceira República Francesa. Nas primeiras décadas do século XX, na França, havia somente quatro cátedras reconhecidamente sociológicas. O sociólogo Johan Heilbron (1985) comenta sobre essas cadeiras e quais pesquisadores ocuparam-nas.

Após Durkheim, a cadeira de “Ciência Social” em Bordeaux foi ocupada por Gaston Richard (até 1930), Max Bonnáfous (1930-1940) e Jean Stoetzel (1945-1955). A cadeira de Strasbourg foi criada para Maurice Halbwachs (1919-1935), depois ocupada por Georges Gurvitch (1935-1940, 1944-1948) e Georges Duvieu (1948-1958). As outras duas cadeiras pertenciam à Sorbonne: a primeira ocupada por Paul Fauconnet (1921-1938), Halbwachs (1939-1940) e

<sup>10</sup> KARADY, Victor. Stratégies de réussite et modes de faire-valoir de la sociologie chez les durkheimiens. *Revue française de sociologie*. 1979, v. 20, n<sup>o</sup> 1. pp. 49.

<sup>11</sup> No original: “[...] la sociologie durkheimienne doit sa fortune publique bonne ou mauvaise à la conjonction singulière de cadres sociaux de réception plus ou moins favorables et d'un effort plus ou moins conscient d'auto-promotion.”. (Tradução nossa). In: Idem.

<sup>12</sup> BESNARD, Philippe. La formation de l'équipe de l'Année sociologique. *Revue française de sociologie*. 1979, v<sup>o</sup> 20, n<sup>o</sup> 1. pp. 7 – 9.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 20 – 22.

Albert Bayet (1940, 1944-1948); a segunda por Célestin Bouglé (1908-1915, 1919-1935, 1937-1939), Halbwachs (1935-1937), Albert Bayet (1939-1940), Halbwachs (1940-1944) e Georges Davy (1944-1955).<sup>14</sup>

Assim, é nessa luta por mais espaços para as Ciências Sociais, empreendidas principalmente pela equipe durkheimiana, que Marcel Mauss, entre 1929 e 1930, busca sua eleição ao *Collège de France*. Essa renomada instituição auxiliaria a empresa levada a cabo por Émile Durkheim e seus intelectuais próximos, a partir da divulgação da metodologia científica sociológica, além de representar a conquista de uma das posições mais renomadas e com maior destaque dentro do sistema de ensino e pesquisa francês.

### **O Collège de France: uma instituição peculiar**

Criado em 1530 por iniciativa da corte do rei François I, com o nome de *Collège Royal*, o *Collège de France* tinha a intenção de ser uma alternativa às instituições de ensino superior da época, como a Universidade de Paris. Financiada pelo Estado, essa instituição rompeu com o monopólio das corporações de ensino e da Igreja Católica e conseguiu promover importantes inovações<sup>15</sup>. Durante o conturbado período da Revolução Francesa, o CF reafirmou sua posição central dentre a intelectualidade francesa, sendo conhecido por abrigar pensadores autônomos e originais, que nem sempre eram acolhidos por outras instituições de ensino na França. Durante o Segundo Império e a Terceira República, a eleição ao cargo de catedrático no CF passou a ser amplamente reconhecida “como a coroação de uma trajetória bem-sucedida, amparada pelo reconhecimento dos pares e do estado”<sup>16</sup>.

O ponto chave que a diferencia das outras é a ausência de alunos matriculados. Os professores oferecem conferências, resultantes de suas pesquisas, para uma turma de ouvintes que as acompanham – sem a necessidade de inscrição<sup>17</sup>. Dessa forma, os

---

<sup>14</sup> No original: “Après Durkheim, la chaire de « science sociale » à Bordeaux fut occupée par Gaston Richard (jusqu'en 1930), Max Bonnáfous (1930-1940) et Jean Stoetzel (1945-1955). La chaire de Strasbourg fut créée pour Maurice Halbwachs (1919-1935), puis occupée par Georges Gurvitch (1935-1940, 1944-1948) et Georges Duvieu (1948-1958). Les deux autres chaires appartenaient à la Sorbonne : la première occupée par Paul Fauconnet (1921-1938), Halbwachs (1939-1940), et Albert Bayet (1940, 1944-1948) ; la deuxième par Célestin Bouglé (1908-1915, 1919-1935, 1937-1939), Halbwachs (1935-1937), Albert Bayet (1939-1940), Halbwachs (1940-1944) et Georges Davy (1944-1955).” (Tradução nossa). In: HEILBRON, Johan. Les métamorphoses du durkheimisme, 1920-1940. Revue française de sociologie. 1985, vol<sup>o</sup> 26, n<sup>o</sup> 2. pp. 204 – 205.

<sup>15</sup> BENTHIEN, Rafael Faraco. Interdisciplinaridades: latinistas, helenistas e sociólogos em revistas (França, 1898- 1920). 2011. 352 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011, p. 237.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 238.

<sup>17</sup> ALMEIDA, Ana. O Collège de France e o sistema de ensino francês. IN: CATANI, A. M.; MARTINEZ, P. H. Sete ensaios sobre o Collège de France. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001, p. 17.

catedráticos se dedicam a realizar pesquisas inéditas e contam com um amplo apoio da instituição para tal. Tais peculiaridades levam a questionamentos acerca do processo que levava intelectuais a serem coroados com uma vaga no *Collège de France*. O qual consistia em um processo de eleição.

Desde os primórdios da instituição, duas regras foram sempre observadas: em primeiro lugar, tão logo uma cadeira se tornasse vacante por morte, incapacidade permanente ou aposentadoria do antigo ocupante, os demais professores deveriam debater se seu título seria mantido ou alterado em função de progressos substantivos em outra área do conhecimento; em segundo lugar, para além do prestígio científico ou literário, jamais houve exigências de quaisquer títulos para viabilizar uma candidatura.<sup>18</sup>

Assim, logo que uma cadeira era declarada vacante, a Assembleia dos professores do CF se reunia para discutir se esta continuaria com o mesmo título ou se seria reformulada. Uma vez decidido isso, passava-se para uma segunda etapa do processo, a eleição de um candidato para ocupar a cátedra. Para tal, os candidatos se apresentavam publicamente – enviando cartas de apresentação e propostas de pesquisas – e seguia-se a deliberação e a votação dos professores, sendo que os votos eram individuais e secretos. No processo de votação, eram escolhidos dois nomes, um em primeira linha (*en première ligne*) e outro em segunda linha (*en second ligne*). Apesar das eleições seguirem esse ritual, “na prática, a cátedra já é criada para um candidato específico (não nomeado na Assembleia), e a segunda etapa (assim como a indicação do segundo colocado) funciona apenas para as formalidades”<sup>19</sup>.

A eleição mais importante, portanto, referia-se à permanência ou troca do título da cátedra. Para cada opção, já existiria um candidato pré-definido que provavelmente seria o escolhido na eleição para definir o ocupante. Conforme Sergio Miceli (2001) aponta,

a entrada no Collège de France é uma briga de foice e, nos bastidores de cada competição, não é difícil identificar os punhais virtuais mobilizados pelos contendores. E um dos trunfos capitais para o ingresso é a inserção do candidato numa rede de alianças intra e interdisciplinar, suficientemente articulada e poderosa, sem o que não é possível implementar quaisquer estratégias de vitória.<sup>20</sup>

Com isso, é possível pensar que havia diversos fatores que influenciariam nas eleições ao CF. Grupos de força dentro dessa instituição buscavam mobilizar seus pares para que estes votassem de acordo com certos objetivos. Assim sendo, em cada pleito são demonstradas divisões internas entre os catedráticos cujas motivações e possíveis

<sup>18</sup> BENTHIEN, R. F. op. cit., p. 240.

<sup>19</sup> ALMEIDA, Ana. op. cit. O Collège..., p. 18.

<sup>20</sup> MICELI, Sergio. A condição do trabalho intelectual (comentários). IN: CATANI, A. M.; MARTINEZ, P. H. Sete ensaios sobre o Collège de France. 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001, p. 110.

aproximações causadas, são diversas. Cursos e universidades frequentadas, idade, concurso de *agrégation*, questões político-religiosas são exemplos de algumas causas geradoras de aproximações e repulsões entre os professores do CF.

Nos anos em que se desenrolam a eleição de Marcel Mauss, entre 1929 e 1930, o número de professores do CF se manteve entre 49 e 50 ao todo. Destes, quase a metade havia nascido entre 1860 e 1870, sendo, portanto, da mesma geração de Mauss<sup>21</sup>. De acordo com Miceli (2001), as eleições ao CF faziam parte de “um sistema fortemente enraizado em regras de promoção vinculadas à antiguidade, em laços de auxílio mútuo envolvendo os integrantes de uma corte geracional”<sup>22</sup>. Essa proximidade da idade do sociólogo com o dos outros professores era importante, visto que tinha um grande peso no desenrolar das eleições. Além disso, outra proximidade que Mauss possuía com uma parte considerável dos professores era a de ser um *agrégé* na área de Ciências Humanas, área de cerca de 42% (quarenta e dois por cento) dos catedráticos<sup>23</sup>. Esse número se torna ainda mais importante quando lembrada a não obrigatoriedade dos professores do CF em possuir esse título, revelando o peso e a influência que esses professores tinham na definição dos processos eletivos.

Havia, ainda, a variante da religião, que foi muito debatida durante a Terceira República com a separação de Igreja e Estado. Dentre os professores do CF, 12 (doze) eram católicos, praticantes ou não, 5 (cinco) eram protestantes e 1 (um) judeu<sup>24</sup>. A religião tinha um peso significativo dentro dessa instituição, ocorrendo casos como o de Charles Fossey<sup>25</sup>. Por fim, a questão política também influenciava na forma como os professores se organizavam e atuavam nas eleições, ainda que de forma indireta. Utilizando o caso Dreyfus<sup>26</sup> como balizador, é possível identificar entre os intelectuais os *dreyfusards*, que em grande maioria defendiam políticas mais progressistas, e aqueles que eram *antidreyfusards*, considerados mais conservadores. Com isso, entre 1929 e 1930,

---

<sup>21</sup> Cf. DRIGO, Miguel Kancelakis. A Eleição e a Atuação de Marcel Mauss no Collège De France: Diálogos Entre Arqueologia e Sociologia (1930-1940). 110f. Monografia (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2017/01/MIGUEL.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

<sup>22</sup> MICELI, S. op. cit.

<sup>23</sup> DRIGO, M. K. op. cit. p. 60.

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> Charles Fossey assumiu uma cátedra no *Collège de France* após uma campanha político-midiática criticar a eleição de Vicent Scheil, por conta desse ser um padre dominicano. Cf. BENTHIEN, R. F. op. cit. pp. 253 – 256.

<sup>26</sup> Esse caso é emblemático já que revelou o preconceito velado contra judeus que existia na França. Diversos intelectuais se reuniram para pedir a revisão do processo de condenação do Capitão Alfred Dreyfus, judeu alsaciano e suboficial do exército, que fora julgado e condenado por espionagem por um tribunal militar sem que provas tivessem sido reveladas ao público. Cf. CHARLE, Christophe. *Naissance des intellectuels (1880-1900)*, Paris: Minuit, 1990.



no *Collège de France*, havia 11 (onze) professores que adotaram posições públicas como *dreyfusards*<sup>27</sup>. Além disso, o caso Dreyfus também revela a imbricação entre as questões políticas e religiosas que ocorreram na França da Terceira República e que se fez presente entre os intelectuais.

Dessa forma, é importante notar que apesar das eleições do CF serem envoltas de uma discussão intelectual, outras linhas de força afetavam-nas. Questões político-religiosas e o corte geracional influenciavam tanto a favor, como contra, para determinados candidatos. No caso de Marcel Mauss, todos esses fatores tiveram um peso decisivo na forma como as discussões se desenrolaram.

### **A eleição de Marcel Mauss ao Collège de France**

Em 1929, com o falecimento de Jean Izoulet, catedrático de Filosofia Social no *Collège de France*, “os olhos se voltaram naturalmente em direção à Marcel Mauss (1872-1950). Ninguém havia esquecido que em 1897 a cadeira de Filosofia Social deveria ter sido confiada a Émile Durkheim. Para o sobrinho, com 58 anos, seria, talvez, a última chance”<sup>28</sup>. Antes mesmo de haver uma assembleia dos professores do CF para discutir o que seria realizado com essa cadeira, Antoine Meillet, linguista próximo da equipe durkheimiana, enviou uma carta ao Administrador do CF, cargo então ocupado por Maurice Croiset, relatando o interesse de atribuir a vaga à Marcel Mauss. Na carta de 7 de outubro de 1929, Meillet escreve que

em resposta a vossa nota datada de 1º de outubro, tenho a honra de vos fazer saber que, de acordo com um certo número de nossos colegas, eu proporei manter a cadeira deixada vaga pelo falecimento de M. Izoulet, e de atribuí-la à M. Marcel Mauss, Professor na Seção de Ciências Religiosas da Escola de Altos Estudos, *agrégé* de filosofia.<sup>29</sup>

Essa foi uma forma de fazer o nome de Mauss começar a circular entre os professores da instituição, demonstrando que o sociólogo já contava com um certo apoio. Mesmo a primeira etapa sendo sobre a definição da cadeira, por trás dessas propostas já haviam nomes cotados, conforme aponta Miceli (2001). A primeira

<sup>27</sup> DRIGO, M. K. op. cit.

<sup>28</sup> No original “Les regards se tourment alors naturellement vers Marcel Mauss (1872-1950). Personne n'a oublié qu'en 1897 la chaire de philosophie sociale aurait dû être confiée à Emile Durkheim. Pour le neveu, qui a 58 ans, c'est peut-être la dernière chance”. (Tradução nossa). In: FOURNIER, Marcel. L'élection de Marcel Mauss au Collège de France. Genèses, vol. 22, 1996, p. 160.

<sup>29</sup> No original “En réponse à votre note datée du 1er octobre, j'ai l'honneur de vous fait savoir que, d'accord avec un certain nombre de nos collègues, je proposerai de maintenir la chaire laissée vacante par le décès de M. Izoulet, et de l'attribuer à M. Marcel Mauss, Professeur à la Section des Sciences Religieuses de l'École des Hautes Études, agrégé de philosophie”. (Tradução nossa). In: LÈVI, Sylvain. [Carta] 7 de outubro de 1929, Paris. [para] CROISET, Maurice. 1f. Presente nos Arquivos do *Collège de France*.

assembleia para discutir o futuro da cadeira vacante ocorreu em 6 de novembro de 1929, havendo três propostas<sup>30</sup>. A primeira proposta foi feita por Marcel Marion<sup>31</sup>, ele defendeu transformar a cátedra de Filosofia Social em uma de Organização Política e Econômica da Europa, favorecendo assim o historiador Georges Blondel. A segunda proposta, sustentada por Edouard Le Roy<sup>32</sup> e apoiada por Stéphane Gsell e Paul Monceaux, era a de criar a cátedra de História da Filosofia na Idade Média, visando uma futura eleição de Étienne Gilson. Por fim, a última indicação foi feita por Antoine Meillet, apoiado por Pierre Janet e Sylvain Lévi, e pretendia manter o nome da cadeira como Filosofia Social, o que direcionava Marcel Mauss como principal candidato para a cátedra.

Os concorrentes de Mauss, assim como ele, já faziam parte do sistema de ensino e pesquisa francês e eram intelectuais reconhecidos. Georges Blondel era *agrégé* em História e doutor em Direito, atuando a quase dois anos como suplente de Jean Izoulet. Por sua vez, Étienne Gilson era *agrégé* em Filosofia e doutor em Letras. Lecionava, desde 1921, como professor de História de Filosofia Medieval na Faculdade de Letras de Paris e também como *directeur d'études* na EPHE. Gilson também era um conhecido filósofo católico, principalmente pelos seus livros sobre São Tomás de Aquino e Santo Agostinho<sup>33</sup>. Os três, portanto, possuíam qualificações intelectuais para a cátedra. Assim, nota-se como a mobilização de outros capitais<sup>34</sup>, além do científico, tinha um considerável peso dentro das eleições ao CF.

No primeiro turno de votação, a proposta de Marcel Marion levou apenas dois votos. Por sua vez, a de Le Roy alcançou 20 (vinte) votos, enquanto que a de Meillet conseguiu 22 (vinte e dois) votos. Como nenhuma havia alcançado a maioria simples, nesse caso um total de 23 (vinte e três) votos, ocorreu uma segunda rodada. Nesta, possivelmente os dois votos da proposta de Marion, migraram para a sugestão de

---

<sup>30</sup> Cf. Arquivos do *Collège de France, Assemblée du 6 novembre 1929*. As atas referentes à eleição de Marcel Mauss fazem parte do *Fonds Marcel Mauss* e estão disponibilizadas integralmente online no site do *Collège de France*. Disponível em: <https://salamandre.college-de-france.fr/subset.html?name=collections&id=histoire-institut>. Acesso em 18 de setembro de 2016.

<sup>31</sup> Marcel Marion (1857 – 1940), professor da cátedra de *Étude des faits économiques et sociaux* (1912-1932), era *agrégé* de *Histoire et Géographie*. Marion era religiosamente próximo ao catolicismo e politicamente conservador, sendo um grande defensor do liberalismo econômico na França.

<sup>32</sup> Edouard Le Roy (1870 – 1954), professor de *Philosophie moderne* (1921-1940). Era católico e, segundo Marcel Fournier, um importante intelectual no CF.

<sup>33</sup> FOURNIER, M. op. cit. Marcel Mauss..., p. 267.

<sup>34</sup> Utiliza-se aqui o conceito de *capital* proposto pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Segundo este, o acúmulo de diferentes capitais “é fazer um ‘nome’, um nome próprio, um nome conhecido e reconhecido, marca que distingue imediatamente seu portador, arrancando-o como forma visível do fundo indiferenciado, despercebido, obscuro, no qual se perde o homem comum.” BOURDIEU, P. O campo científico. IN: ORTIZ, Renato (orgs.). Pierre Bourdieu – Sociologia. São Paulo: Ática, 1983, p. 132.

História de Filosofia na Idade Média, já que obteve 22 (vinte e dois) votos, empatando com a proposta de Filosofia Social. Assim, com o empate entre Filosofia Social (Mauss) e Filosofia na Idade Média (Gilson), os professores do CF optaram por tratar novamente do assunto em uma outra assembleia, marcada para janeiro de 1930, dando tempo para novas movimentações em busca de apoio.

A nova assembleia ocorreu em 12 de janeiro de 1930<sup>35</sup>. Nesta, houve somente duas propostas concernentes à cadeira vacante de Jean Izoulet. Edouard Le Roy apresenta, dessa vez, uma proposta para modificar a cadeira para História da Filosofia Francesa. Além dessa mudança, o candidato pensado para ocupá-la também foi alterado, Étienne Gilson seria substituído por Jacques Chevalier, conforme indica as memórias de Maurice Halbwachs<sup>36</sup>. Chevalier era *agrégé* em Filosofia, antigo normaliano<sup>37</sup> e discípulo de Henri Bergson, atuava como professor na Faculdade de Letras de Grenoble. Também conhecido como filósofo católico e politicamente próximo à direita conservadora<sup>38</sup>. Por sua vez, foi Sylvain Lévi quem apresentou a proposta de alterar a cátedra para uma de Sociologia, apoiado por Antoine Meillet e Jacques Hadamard, um matemático dreyfusard. A razão dessa mudança de proposição dos aliados de Marcel Mauss não aparece nas fontes, mas o próprio sociólogo costumava afirmar que, no caso dele, nada seria melhor que a Sociologia<sup>39</sup>.

Após as propostas serem apresentadas, passou-se à votação. Com 43 (quarenta e três) professores presentes, a maioria a ser alcançada era de 22 (vinte e dois) votos. Na primeira rodada, ambas as propostas conseguiram 20 (vinte) votos cada, além de três anulações. Antes do início de uma segunda rodada de novas votações, há uma nova mudança em uma das propostas. A sugestão de História da Filosofia Francesa passava para História da Filosofia Social. Na ata da assembleia não aparece o que motivou a mudança, mas pode-se pensar que seria uma tentativa de conquistar alguns dos votos anulados. Apesar dessa estratégia, ambas as propostas terminam novamente empatadas com 20 (vinte) votos, levando a questão para uma nova assembleia marcada para junho de 1930.

---

<sup>35</sup> Cf. Arquivos do *Collège de France, Assemblée du 12 janvier 1930*.

<sup>36</sup> HALBWACHS, Maurice; MALATIAN, Teresa. Minha campanha para o Collège de France. *Revista Brasileira de História*. 2001, v. 21, nº 40, pp. 25 – 58.

<sup>37</sup> Aqueles que haviam passado pela *École Normale Supérieure*, localizada em Paris, eram conhecidos como normalianos.

<sup>38</sup> CHARLE, Christophe.; DELANGLE, Christine. La campagne électorale de Lucien Febvre au Collège de France, 1929-1932. *Lettres à Edmond Faral. Histoire de l'éducation*, nº 34, 1987. pp. 49-69.

<sup>39</sup> FOURNIER, M. op. cit. Marcel Mauss... p. 266.

Marcel Fournier comenta sobre essa segunda assembleia e a aparente insuficiência dos diversos apoios recebidos pelo sociólogo francês.

Marcel Mauss tinha certos apoios no Collège: Sylvain Lévi e Antoine Meillet, dois amigos de longa data, havia outros antigos professores e amigos da EPHE (Louis Finot, Alexandre Moret, Gabriel Millet); havia também os professores que cotejavam a questão política, notadamente Charles Andler (Língua e literatura alemã), Paul Langevin, professor de Física geral e experimental, Charles Gide, titular da cadeira de cooperação e Georges Renard, responsável pela cadeira de História do Trabalho. Não era, pelo que parecia, suficiente<sup>40</sup>.

Nesta citação também percebe-se que a questão política de fato influenciava nas eleições ao *Collège de France*. É por conta disso que Lucien Febvre, na época professor na Faculdade de Estrasburgo, media suas bases nesse instável terreno. Em uma carta enviada por Febvre à Edmond Faral, professor de Literatura Latina da Idade Média no CF, o assunto da eleição surge.

[Um de seus colegas do *Collège de France*] me escreveu, há três ou quatro dias, uma carta muito detalha para me dizer que, na sua visão, a candidatura de Mauss não possui chance de reunir uma maioria nesse verão. E que eu deveria sondá-lo, porque, se essa candidatura não estivesse pacífica, eu poderia, sob a hipótese onde a candidatura de Chevalier fosse mantida, obter os votos que Mauss jamais possuiria, e passar contra Chevalier<sup>41</sup>.

É plausível pensar que Febvre buscava desestabilizar a candidatura de Mauss para que uma possível candidatura sua fosse melhor recebida e, assim, tivesse mais chances de reunir a maioria dos votos. Suas cartas trocadas com Edmond Faral revelam como funcionou os bastidores dessa eleição, as alianças que foram tecidas e as tentativas de desestabilizá-las para favorecer um ou outro candidato. Como o próprio Febvre afirma, o caso da eleição de Mauss estava envolto de mistérios.

Mas, é certo que Mauss não persistirá ou que não persistirão por ele? Primeiro mistério; e nesse mistério, incluo o mistério de Meillet e de sua atitude... Em segundo lugar, o que aconteceu com Gilson nisso tudo? Ele renunciou para ressurgir em um instante? Se ele ressurgisse, não juntaria ele uma maioria composta em parte de partidários de Mauss querendo barrar a rota à Chevalier? Eu não quero, eu não posso me apresentar contra Mauss. Eu não quero, eu não posso me apresentar contra Gilson. Eu somente saberia me

---

<sup>40</sup> No original “Marcel Mauss a certes des appuis au Collège : outre Sylvain Lévi et Antoine Meillet, deux amis de longue date, il y a d'autres anciens professeurs et collègues de l'École pratique des hautes études (Louis Finot, Alexandre Moret, Gabriel Millet) ; il y a aussi des professeurs qu'il a côtoyés dans les milieux politiques, notamment Charles Andler (langue et littérature allemande), Paul Langevin, professeur de physique générale et expérimentale, Charles Gide, titulaire de la chaire de la coopération, et Georges Renard, responsable de la chaire d'histoire du travail. Ce n'est, semble-t-il, pas suffisant”. (Tradução nossa). In: FOURNIER, M. op. cit. L'élection..., pp. 161 – 162.

<sup>41</sup> No original “m'a écrit, il y a trois ou quatre jours, une lettre très détaillée pour me dire qu'à son sens, la candidature de Mauss n'a pas de chance de réunir une majorité cet été. Et que je devrais bien y songer, parce que, si cette candidature n'était pas reposée, je pourrais, dans l'hypothèse où la candidature Chevalier serait maintenue, obtenir des voix que Mauss n'aura jamais, et passer contre Chevalier”. (Tradução nossa). FEBVRE, Lucien. [Carta] 5 de março de 1930 [para] FARAL, Edmond. In: CHARLE, C.; DELANGLE, C. op. cit. La champagne..., p. 54.

apresentar se Mauss renunciasse e Gilson permanecesse na expectativa, a via estaria livre, com a única candidatura de Chevalier a combater<sup>42</sup>.

Após essa carta, Febvre visitou alguns professores para tentar descobrir como uma possível candidatura sua seria recebida. Parte destes professores visitados acabam por indicar positivamente que votariam em Febvre caso a candidatura de Mauss fosse retirada. Em uma carta posterior, o historiador francês acaba por revelar alguns nomes que seriam eleitores de Marcel Mauss, como Henri Piéron, André Mayer, Emile Gley e Charles Andler. Após saber disso, Lucien Febvre, buscando firmar sua posição, comenta que escreveu duas cartas, uma para Sylvain Lévi e outra para Charles Andler, ambos apoiadores de Mauss, para informá-los de que talvez entrasse no pleito. Contudo, ambas as repostas foram em tom negativo, afirmando que Febvre estaria tentando aumentar a confusão e jogar com as possibilidades. Charles Andler se revela mais duro, comentando que se houvesse uma terceira candidatura seria para tirar forças de Jacques Chevalier, o que não ocorreria no caso de uma candidatura de Febvre. Na continuação da carta fica patente a vontade do historiador francês em desestabilizar a candidatura de Mauss. Lucien Febvre afirma que

é evidente que é a atitude de Mauss, ou dos partidários de Mauss, que domina tudo. O que farão eles em definitivo e quem será candidato? Em particular, qual será a atitude de Gilson? Eu imagino que ele também deve estar muito incomodado pelo silêncio de Mauss? É uma confusão total. Pessoalmente, eu me arrependo de ver Andler, Fossey e - preciso dizer S. Lévi? – adotar a parte que eles parecem querer tomar. Pois eu não creio no sucesso de Mauss. E eu tenho o sentimento que minha candidatura não seria mal recebida<sup>43</sup>.

Uma das formas que Febvre tentou desestabilizar as forças de Mauss foi jogando com as questões políticas por trás dessa eleição. Marcel Mauss, como já mostrado acima, era um judeu, *dreyfusard* e ativo militante socialista. Essa tríade, apesar de conquistar certos votos, também o fazia parecer arriscado como candidato. Febvre revela essa situação ao apontar que

---

<sup>42</sup> No original “Mais est-il certain que Mauss ne s'obstinera pas ou qu'on ne s'obstinera pas pour lui ? Premier mystère ; et dans ce mystère, inclus, le mystère de Meillet et de son attitude... . En second lieu, que devient Gilson dans tout ceci ? A-t-il renoncé pour l'instant à reparaître? S'il reparaissait, ne rallierait-il pas une majorité faite en partie de partisans de Mauss voulant barrer la route à Chevalier? Je ne veux pas, je ne peux pas me présenter contre Mauss. Je ne veux pas, je ne peux pas me présenter contre Gilson. Je ne saurais me présenter que si, Mauss renonçant et Gilson demeurant dans l'expectative, la voie était libre, avec la seule candidature Chevalier à combattre”. (Tradução nossa). In: *Ibidem*, p. 55.

<sup>43</sup> No original “Il est évident que c'est l'attitude de Mauss, ou des partisans de Mauss, qui domine tout. Que feront-ils en définitive, et qui sera candidat? En particulier, quelle sera l'attitude de Gilson ? J'imagine que lui aussi doit être très gêné par ce silence de Mauss ? C'est la pleine confusion. Personnellement, je regrette de voir Andler, et Fossey et faut-il dire S. Lévi? adopter le parti qu'ils semblent vouloir tenir. Car je ne crois pas au succès de Mauss. Et j'ai le sentiment que ma candidature ne serait pas mal accueillie”. (Tradução nossa). In: FEBVRE, Lucien. [Carta] sem data, abril 1930 [para] FARAL, Edmond. *Ibidem*, p. 57.

ela [a carta enviada por Charles Andler para Febvre] me traz um conselho de abstenção. Os partidários de Mauss se reuniram e visaram duas candidaturas de 'conciliação': a minha e a de Gilson. Pareceu-lhes finalmente que Gilson, melhor localizado para morder a 'direita' havia mais chance que eu [Febvre] de reunir uma maioria. Eu não a contradisse. Eu não sei nada, não estava no lugar, e fico um pouco receoso com essa intrusão do vocabulário eleitoral e político em um debate que eu acreditava ser de ordem científica...<sup>44</sup>.

Esse trecho da carta reafirma a importância da mobilização de capital político por parte dos candidatos. Essa estratégia de dividir os votos da "direita", conforme aponta Febvre, indica uma estratégia para favorecer Mauss. A candidatura de dois filósofos católicos e conservadores, Jacques Chevalier e Étienne Gilson, faria com que os votos, que dificilmente iriam para Mauss, fossem disputados e, conseqüentemente, divididos. Interessante também notar a crítica de Febvre ao "vocabulário eleitoral e político" utilizado pelos partidários de Mauss, sendo que em cartas anteriores ele propagandeava sua candidatura como uma possibilidade para agregar votos tanto de progressistas quanto de conservadores.

Por fim, uma terceira assembleia, para definir a questão da cátedra vacante, ocorreu em 15 de junho de 1930. Nesta, são feitas três propostas, conforme já apontava Lucien Febvre em sua carta. A primeira, apresentada por Edouard Le Roy, propunha a criação de uma cátedra intitulada História da Filosofia Francesa, que possivelmente teria como candidato o filósofo Jacques Chevalier. A segunda proposta, feita por Louis Massignon, defendia a criação de uma cátedra sobre História da Filosofia na Idade Média, provavelmente visando uma futura candidatura de Étienne Gilson. Por fim, a terceira proposição, realizada por Antoine Meillet, Charles Andler e Pierre Janet, defendia a criação de uma cadeira de Sociologia<sup>45</sup>.

Nesta assembleia, diferente das outras, o principal responsável pela defesa da criação de uma cátedra de Sociologia foi Charles Andler, intelectual próximo de Marcel Mauss por intermédio da militância socialista. Ambos atuaram juntos no Grupo de Unidade Socialista e também fizeram parte do jornal *L'Humanité*, fundado por Jean Jaurès<sup>46</sup>. Sua defesa da Sociologia foi a partir do viés filosófico dessa nova ciência. Em seu discurso, Andler afirma que

---

<sup>44</sup> No original "Elle l'instant m'apporte la lettre un conseil d'abstention. Les tenants de Mauss s'étant réunis ont envisagé deux candidatures de « conciliation » : la mienne et celle de Gilson. Il leur a paru finalement que Gilson, mieux placé pour mordre sur la « droite » aurait plus de chance que moi de réunir une majorité. Je n'y contredis pas. Je n'en sais rien, n'étant pas sur place, et un peu effaré par cette intrusion du vocabulaire électoral et politique dans des débats que j'aurais cru d'ordre scientifique...". (Tradução nossa). FEBVRE, Lucien. [Carta] sem data, fim de abril 1930 [para] FARAL, Edmond. In: *Ibidem*, p. 58.

<sup>45</sup> Cf. Arquivos do *Collège de France, Assemblée du 15 juin 1930*.

<sup>46</sup> FOURNIER, M. op. cit. *L'élection...*, p. 162.

não me proponho a intervir aqui após colegas bem mais autorizados do que eu, de acrescentar qualquer coisa ao que disseram sobre o valor científico do sociólogo que vos propuseram MM. Antoine Meillet e Sylvain Lévi. Mas, me parece que não foi dito tudo sobre o interesse filosófico do ensinamento da sociologia tal qual poderá ser dado por mim. Pois não quero enfraquecer a seção filosófica do Collège, já bastante reduzida. Eu creio sentir também, entre alguns colegas, uma prevenção contra a sociologia durkheimiana em geral; e essa prevenção, eu vos confio, foi a minha, também profunda e completa como pode-se imaginar. Eu gostaria, para libertar minha consciência, de vos dizer como eu a superei. [...] Por quê mudei? É que nós somos todos conscientes que as exigências da ciência são complexas. A ciência exige a síntese ao mesmo tempo em que as análises dos fatos acessíveis não são ainda completas para dirigir as análises. Estes mesmos questionários são uma primeira interpretação que os fatos modificaram<sup>47</sup>.

Charles Andler, portanto, buscava tocar os professores da seção de Filosofia do *Collège de France* e aqueles próximos a essas discussões. Além disso, Andler também comenta sobre sua inicial descrença com a teoria sociológica proposta pelos durkheimianos e a sua mudança de opinião após uma posterior aproximação. Por fim, segue na defesa direta de Marcel Mauss como futuro candidato caso a proposta de Sociologia vencesse, novamente mostrando como a definição da cátedra era a eleição mais importante. Segundo o Charles Andler,

para uma sociologia ainda grande, não mais construída mas a ser construída, enriquecer os resultados de todas as histórias comparadas do direito, das morais primitivas, das formas diversas de associação humana, comparação de línguas, de tecnologias, de formas de arte e de pensar, nós temos o homem: M. Marcel Mauss. Ele é o chefe reconhecido do grupo sobrevivente dos alunos de Durkheim<sup>48</sup>.

Portanto, para Andler, era Marcel Mauss que deveria ocupar uma possível cátedra de Sociologia no CF, devido a suas qualidades como pesquisador e por ser o herdeiro da equipe durkheimiana. Assim, passando à votação, no primeiro turno a proposta de História da Filosofia Francesa consegue 16 (dezesseis) votos. História da

---

<sup>47</sup> No original “Je ne me propose pas, en intervenant ici après des collègues bien plus autorisés que moi, d'ajouter quoi que ce soit à ce qu'ils vous ont dit de la valeur scientifique du sociologue que vous proposent MM. Antoine Meillet et Sylvain Lévi. Mais il me semble que tout n'a pas été dit sur l'intérêt philosophique de l'enseignement de la sociologie tel qu'il pourrait être donné par lui. Car je ne voudrais pas affaiblir la section philosophique du Collège, déjà très réduite. J'ai cru sentir aussi chez quelques collègues une prévention contre la sociologie durkheimienne en général ; et cette prévention, je vous le confie, a été la mienne, aussi profonde et complète qu'on peut l'imaginer. Je voudrais, pour libérer ma conscience, vous dire comment j'en suis revenu. [...] Pourquoi ai-je changé ? C'est que nous sommes tous conscients que les exigences de la science sont complexes. La science exige de la synthèse au moment même où les analyses des faits accessibles ne sont pas encore complètes, pour diriger les analyses. Ses questionnaires même sont une première interprétation que les faits modifieront”. (Tradução nossa). ANDLER, Charles. Proposition en vue de la création d'une chaire de Sociologie au Collège de France. In: FOURNIER, M. *L'élection...*, p. 164.

<sup>48</sup> No original “Pour une sociologie ainsi élargie, non encore construite mais à construire, enrichie des résultats de toutes les histoires comparées du droit, des morales primitives, des formes diverses de l'association humaine, comparaison des langues, des technologies, des formes d'art et de pensée, nous avons l'homme : M. Marcel Mauss. Il est le chef reconnu du groupe survivant des élèves de Durkheim”. (Tradução nossa). In: Idem.

Filosofia na Idade Média alcança a marca de sete votos e a proposta de Sociologia obtém 21 (vinte e um) votos, apenas dois a menos para conseguir a vitória. Em uma segunda rodada de votação, o placar termina com o seguinte resultado: Filosofia Francesa com dezessete votos; Filosofia na Idade Média com cinco votos; Sociologia com 23 (vinte e três) votos; e um voto nulo. Apesar da Sociologia alcançar os dois votos que necessitava para a vitória, com a chegada de mais dois professores no decorrer da assembleia, o mínimo necessário havia aumentado para 24 (vinte e quatro) votos. Por fim, em uma terceira rodada de votação, a proposta de Sociologia consegue vencer a disputa com 24 (vinte e quatro) votos. Por sua vez, Filosofia Francesa e Filosofia na Idade Média recebem dezesseis e seis votos, respectivamente<sup>49</sup>.

Após a bem-sucedida criação da cátedra de Sociologia, a eleição de Marcel Mauss já era tida como certa. Na assembleia de 23 de novembro de 1930<sup>50</sup> aparecem três concorrentes *en première ligne*: Marcel Mauss; André Joussain, *agrégé* em Filosofia<sup>51</sup>; e, Georges Papillault, professor na *École d'Anthropologie*<sup>52</sup>. O sociólogo Maurice Halbwachs também se apresentou, mas *en second ligne*, por respeito a Marcel Mauss. Conforme era esperado, após uma primeira rodada de votação, Mauss alcança a vitória com 24 (vinte e quatro) votos, enquanto André Joussain e Papillault recebem dois e dez votos, respectivamente. Na disputa para a indicação em segunda linha, a vitória também foi da Escola Sociológica Francesa, com Maurice Halbwachs obtendo vinte e dois votos. Com ambas as indicações conquistadas, é possível considerar o resultado dessa assembleia como uma dupla vitória para os durkheimianos.

### **Institucionalização das Ciências Sociais?**

A partir dessa eleição de Mauss, seria possível então pensar em uma institucionalização das Ciências Sociais no sistema de ensino e pesquisa francês durante a Terceira República? Essa difícil pergunta pode ser analisada sob diversos ângulos. Pode-se analisar que, para além de uma institucionalização em termos quantitativos, a Escola Sociológica Francesa buscou formas qualitativas para desenvolver tal projeto. As Ciências Sociais passaram por diversas mudanças e fortalecimentos entre o final do século XIX e começo do século XX. Victor Karady (1979) aponta que

<sup>49</sup> Cf. Arquivos do *Collège de France, Assemblée du 15 juin 1930*.

<sup>50</sup> Cf. Arquivos do *Collège de France, Assemblée du 23 novembre 1930*.

<sup>51</sup> JOUSSAIN, André. Lettre de candidature. Disponível nos Arquivos do *Collège de France*.

<sup>52</sup> Cf. ANTHONY, R. Georges Papillault (1863-1934). *Bulletins et Mémoires de la Société d'anthropologie de Paris*, VIII<sup>o</sup> Série, tome 5, 1934. pp. 1-3.



se a marginalidade da disciplina na Universidade é inteira no fim do século [XIX], os durkheimianos são bem colocados para remedia-la por duas razões. [...] Em primeiro lugar, o sistema de faculdades estava em plena renovação, notadamente por esse que era o alargamento dos programas de ensino e de integração de matérias até o momento ignoradas. As faculdades de letras praticavam sob essa relação uma dupla abertura: em direção às especialidades estabelecidas no seio das disciplinas clássicas (por exemplo, nas cadeiras já amalgamadas dos estudos históricos e geográficos [...]), e também em direção as novas disciplinas como a nascente ciências sociais. [...] Em segundo lugar, nessa conjuntura universitária bastante vantajada para a inovação temática, os durkheimianos são dotados de todas as virtudes e de todos os pontos fortes necessários para se fazer admitir, com suas contribuições, pois eles faziam parte de uma elite quase estatutária do setor literário da Universidade enquanto agrégés e/ou normalianos e/ou filósofos, tripla faceta de uma fração dominante do establishment<sup>53</sup>.

Assim, Karady aponta as vantagens que o grupo durkheimiano detinham para empreender tal projeto de divulgar e fortalecer as Ciências Sociais na França. Estes importantes intelectuais, que ficaram conhecidos como Escola Sociológica Francesa, puderam adentrar no sistema de ensino e pesquisa francês e apresentar para as outras ciências humanas a metodologia sociológica durkheimiana. Para tal,

a estratégia universitária dos durkheimianos consistiu, portanto, em utilizar as posições adquiridas nas disciplinas clássicas e transformar o ensino delas – da filosofia principalmente – para suscitar, nesse quadro, uma demanda de instrução e de competência sociológicas<sup>54</sup>.

Então, foi a partir destas posições, inicialmente em outras áreas das ciências humanas, que a equipe durkheimiana buscou ganhar forças. A importância do *Collège de France* para essa empreitada é atestada pelo próprio Marcel Mauss, em 1929, em uma carta enviada à Fundação Rockefeller. Nesta, o sociólogo comenta que

infelizmente as cátedras de economia política e de sociologia desapareceram momentaneamente [do *Collège de France*], mas serão certamente reestabelecidas iminentemente. O *Collège de France* é dispensado de exames e de diplomas de graduação e, conseqüentemente, de todo o ensino obrigatório

---

<sup>53</sup> No original “Si la marginalité de la discipline dans l'Université est entière à la fin du siècle, les durkheimiens sont bien placés pour y remédier pour au moins deux raisons [...]. En premier lieu le système des facultés est en pleine rénovation, notamment pour ce qui est de l'élargissement des programmes d'enseignement et de l'intégration des matières jusqu'alors ignorées. Les facultés des lettres pratiquent sous ce rapport une double ouverture : vers les spécialités établies au sein des disciplines classiques (par exemple dans le cadre jadis amalgamé des études historiques et géographiques, on affranchit d'abord l'enseignement géographique [...]), vers de nouvelles disciplines comme les sciences sociales naissantes [...] En second lieu, dans cette conjoncture universitaire assez avantageuse à l'innovation thématique, les durkheimiens sont dotés de toutes les vertus et de tous les atouts nécessaires à se faire admettre, avec leur apport, dans le saint des saints des facultés des lettres parce qu'ils font partie de l'élite quasi statutaire du secteur littéraire de l'Université en tant qu'agrégés et (ou) normaliens et (ou) philosophes, triple facette d'une fraction dominante de l'establishment”. (Tradução nossa). In: KARADY, V. op. cit. *Stratégies...*, pp. 52 – 53.

<sup>54</sup> No original “La stratégie universitaire des durkheimiens consistera donc à utiliser leurs positions acquises dans les disciplines classiques et transformer l'enseignement de celles-ci - de la philosophie avant tout - pour susciter, dans ce cadre, une demande d'instruction et de compétence sociologiques”. (Tradução nossa). In: *Ibidem*, p. 53.

e elementar. Suas cadeiras são excelentes postos de pesquisas originais – quando o professor assim quer<sup>55</sup>.

Interessante observar que essa carta de Mauss foi escrita um ano antes de conseguir sua nomeação para a cátedra de sociologia do CF. Portanto, a importância do CF para o projeto de institucionalização das Ciências Sociais, defendido pela equipe durkheimiana, pode ser atestada. Karady (1979) também aponta sobre o peso dessa instituição,

uma carreira de erudição na Escola de Altos Estudos [EPHE] – instituição marginal universitariamente desclassificada – poderia terminar no *Collège de France* – igualmente marginal no estudo superior (e como instituição fora de todo ciclo de estudos organizados) mas intelectualmente “*sur-classé*”, isto é, paradoxalmente, dotado de uma máxima de legitimidade institucional<sup>56</sup>.

Nesse sentido, pode-se notar que a eleição de Marcel Mauss ao *Collège de France*, uma renomada instituição do sistema de ensino e pesquisa francês, contribuiu em grande medida para a defesa do projeto levado a cabo pela Escola Sociológica Francesa. A divulgação das Ciências Sociais no CF possibilitaria o fortalecimento dessa nova metodologia de pesquisa que contribuiria para as ciências humanas como um todo. Além disso, também seria possível recrutar novos pesquisadores e interessados no método sociológico durkheimiano.

78

### **Considerações Finais**

A eleição de Marcel Mauss, portanto, pode ser entendida como um coroamento, mesmo que simbólico, de uma trajetória bem-sucedida. A Escola Sociológica Francesa, além de possuir dois aliados (Meillet e Lévi) e alguns simpatizantes dentro do CF, obtém uma outra posição de destaque dentro do sistema de ensino e pesquisa francês com a cátedra de Sociologia.

Com esse estudo da eleição de Marcel Mauss ao CF, o artigo buscou aprofundar a análise feita pelo sociólogo Marcel Fournier que, ao apontar detalhadamente diversos

---

<sup>55</sup> No original “Malheureusement les chaires d'économie politique et de sociologie ont momentanément disparu, mais seront sûrement rétablies prochainement. Le Collège de France est dispensé d'examens et de collation des grades et, par conséquent, de tout enseignement obligatoire et élémentaire. Ces chaires sont d'excellents postes de recherches originales – quand le professeur le veut”. (Tradução nossa). In: MAUSS, Marcel ; BESNARD, Philippe. Les sciences sociales à Paris vues par Marcel Mauss. Revue française de sociologie. 1985, v. 26, nº 2. p. 348.

<sup>56</sup> No original “une carrière d'érudition à l'Ecole des Hautes Etudes – institution marginale universitairement déclassée – pouvait déboucher au Collège de France – également marginal dans le haut enseignement (en tant qu'institution hors de tout cycle d'études organisé) mais intellectuellement sur-classé, c'est à-dire, paradoxalement, doté du maximum de légitimité institutionnelle”. (Tradução nossa). In: KARADY, V. op. cit. Stratégies..., pp. 62 – 63.

pontos da eleição de Marcel Mauss, deixou de fora alguns aspectos relevantes das disputas ao *Collège de France*. No caso de Mauss, o capital político foi de suma importância para a concretização de sua eleição, como aponta Lucien Febvre sobre a candidatura de conciliação. Ambas as candidaturas, de Jacques Chevalier e Étienne Gilson, que possuíam um semelhante perfil intelectual – filósofos e politicamente conservadores – revela a movimentação dos aliados de Mauss para desestabilizar e dividir os votos dos professores com perfis semelhantes.

Além disso, também procurou-se apontar alternativas ao que Victor Karady (1979) defende. Este argumenta que “certos porta-vozes mais notórios da Escola Sociológica (Simiand e Mauss) conseguiram mais tarde atingir o auge da hierarquia institucional e confirmar involuntariamente a ilusão de um sucesso acadêmico total de sua disciplina”<sup>57</sup>. É possível entender que o sucesso acadêmico não foi apenas uma ilusão. Apesar de antes da Segunda Guerra Mundial a Escola Sociológica Francesa não ter de fato alcançado um sucesso total, a influência que todo esse grupo teve para as Ciências Sociais, mesmo atualmente, é inegável. Mesmo naquele momento, a equipe durkheimiana ocupava diversas posições de destaque no sistema de ensino e pesquisa francês<sup>58</sup>. Com isso, a eleição de Marcel Mauss ao *Collège de France* representa o coroamento da Escola Sociológica Francesa e a defesa de uma metodologia própria das Ciências Sociais.

---

<sup>57</sup> No original “[...] certains des porte-parole les plus notoires de l'Ecole sociologique (Simiand et Mauss) ont réussi sur le tard à rejoindre le sommet de la hiérarchie institutionnelle et confirmer involontairement l'illusion d'un succès académique total de leur discipline”. (Tradução nossa). In: Idem.

<sup>58</sup> Cf. BESNARD, Philippe. La formation de l'équipe de l'Année sociologique. *Revue française de sociologie*. 1979, v<sup>o</sup> 20, n<sup>o</sup> 1. pp. 7-31.